



Devoção na Folia: comunicação popular, permanências e transformações¹

Ivany Câmara Neiva²

Resumo

Questões referentes à cultura popular e aos processos de comunicação são tratadas em conversas com quatro foliões goianos, que *giram* folia no Entorno do Distrito Federal. O eixo da discussão é a continuidade de expressões culturais, em termos de sua transmissão, permanência e transformação ao longo do tempo. Observam-se formas de memorização, registro e apresentação dos versos cantados na Folia de Reis, oralmente ou em “tabelas” escritas.

Palavras-chave

folia; comunicação popular; permanências; transmissão; mudança

Os narradores: foliões, comunicadores

Nesta história de folias, os sujeitos e narradores são foliões goianos. São narradores que falam de sua vivência comunicativa em que o eixo é a devoção e o desafio é a permanência da festa e dos rituais.

A devoção é o eixo necessário e reconhecido por todos. Mudam as formas de transmissão, alternam-se a permanência das palavras e dos gestos. Mantém-se, transformada, o que o folião César Alves Rodrigues chama de *liturgia* da folia.

César é um dos narradores desta história de folias, e tem a sabedoria de quem cuida de marmeleiros desde menino, e de quem é devoto e folião. Vive no Povoado do Mesquita, antigo arraial que traz memórias e esquecimentos de um remanescente quilombo³. O Povoado fica na Cidade Ocidental, que é município de Goiás desde 1990, quando foi desmembrado de Luziânia, onde César nasceu.

Outro narrador do Mesquita é João Antônio Pereira, filho de Seu Dito – Benedito Antônio, que é considerado o morador mais velho do lugar. Folião e marmelicultor como o pai, João é presidente da Associação de Moradores e Amigos do Mesquita. Traz também histórias da folia e do marmelo – no rótulo da marmelada artesanal que fabrica, registra que se trata de “tradição de 150 anos”, e remete ao antigo nome de Luziânia. Lá está: “marmelada de Santa Luzia”.

¹ Trabalho apresentado ao NP Folkcomunicação, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Socióloga, professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Brasília, doutoranda em História Cultural na Universidade de Brasília. neiva3@terra.com.br.

³ No ano passado, o Povoado foi reconhecido pela Fundação Palmares como Comunidade Remanescente de Quilombos Mesquita (Diário Oficial da União, 07.06.2006).



Luziânia se chamou assim – Santa Luzia – durante quase duzentos anos. É antiga, essa cidade goiana situada a 55 quilômetros de Brasília, e por isso englobada na RIDE – Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno. Considera-se como data de sua fundação o dia 13 de dezembro de 1746, e em 1943 passou a se chamar Luziânia, pois havia outra cidade brasileira, no Maranhão, que há mais tempo tinha esse mesmo nome de Santa Luzia.

Os foliões antigos e muitos dos moradores mais jovens conhecem essa história – mesmo aqueles que moram nos municípios desmembrados da Luziânia tradicional.

Um desses novos municípios goianos é o Novo Gama, surgido durante a década de 90 ao longo da BR-040, que liga Luziânia a Brasília. Ali vivem outros narradores desta história: os Irmãos Vieira, mineiros de Bonfinópolis que há 15 anos moram no Lago Azul, loteamento construído em terras da antiga Fazenda São Sebastião.

São muitas as histórias vividas e contadas pelos Irmãos Vieira, algumas já registradas em livro e em cd⁴. O capitão-de-folia José Nucas Vieira Brandão e seu filho mais velho, o também folião e catireiro Baltazar Vieira Brandão, além de serem narradores, aqui ampliaram as fronteiras de espaço e tempo, buscando a palavra de antigos mestres na terra natal de Bonfinópolis de Minas.

São do capitão Nucas e de seu pai os preciosos registros escritos dos versos de Folia de Reis, anotados em forma de *tabelas* em velhos cadernos.

As tabelas da Folia de Reis, no escrito e na idéia

Viajar pelo chamado Entorno do Distrito Federal⁵, por terras goianas e mineiras de antiga ou recente ocupação, nos traz manifestações vivas da permanência e da transformação da cultura nessa região.

Escolhemos como foco de observação as folias – expressão cultural muito presente aqui perto e em tantos lugares no Brasil.

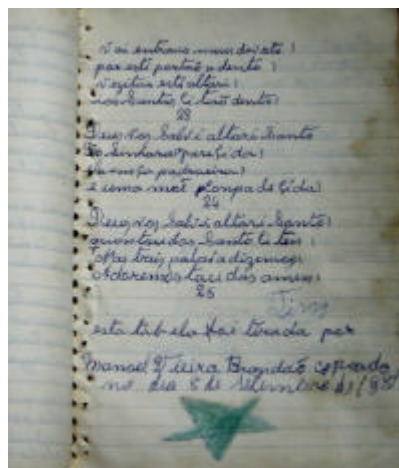
Acompanhando a Folia de Reis no Lago Azul, encontramos o que já havíamos lido em *Tocadores*⁶ e conversado com os próprios foliões: os Irmãos Vieira orientam-se por *tabelas* escritas, passadas de pai para filho, e esse procedimento não é comum a

⁴ MARCHI, Lia, SAENGER, Juliana e CORRÊA, Roberto, orgs. Os Tocadores. Curitiba: Olaria, 2002; Cd Folia de Reis – Irmãos Vieira, Brasília, Viola Corrêa, 2000.

⁵ Este artigo dá continuidade às pesquisas realizadas durante o Projeto **Patrimônio Imaterial na Região Integrada do DF e Entorno (Entorno que Transborda)**. Patrocínio: Petrobras; Incentivo: Ministério da Cultura. Realização: Êxitus; Participação: professores e alunos da Universidade Católica de Brasília e da Universidade de Brasília. 2004 / 2005.

⁶ MARCHI, Lia, SAENGER, Juliana e CORRÊA, Roberto, orgs. cit. pp. 135 a 139.

todos os grupos de folia. Confirmamos que as *tabelas* registram por escrito os versos *certos* para se cantar em cada momento da folia. Depois, aprendemos que os versos *certos* podem variar não apenas ao longo do tempo, mas também em função do momento da folia, das características da casa que oferece pouso, das peculiaridades da lapinha ou do altar. Vimos então que, para além das *tabelas*, há os versos adaptados para cada lapinha e cada pouso. E tivemos oportunidade de verificar que também o improviso tem lugar importante no desenrolar da folia.



7

O capitão-de-folia José Nucias e seu filho Baltazar nos contam o que é uma tabela, pensando sempre na Folia de Reis:

Nucias:

A tabela é um seguimento da folia, é uma ordem que você deve seguir. É uma referência do que você vai fazer. Pela tabela você não vai errar. Se eu vou falar do Nascimento de Cristo, vou usar outra tabela diferente da que pediu a folia; se vou cantar o Bendito, vou cantar de agradecimento – não vou cantar nem saudando o nascimento do Menino Jesus, nem pedindo folia.

Pela tabela você fica certo, e pode ensinar a outras pessoas interessadas, que o Pedido de Folia é pra pedir autorização ao Imperador para girar a folia, e passar a bandeira pro alferes, passar as toalhas pra os foliões, cantar recebendo todos os instrumentos (um por um, falando o nome de cada um)...

Baltazar:

A tabela, numa linguagem simples, é uma música com muitos versos, em louvor a Santos Reis. Tabela é um conjunto de rimas – versos com rimas – que contam uma história de vida. Alguns versos da tabela, se você prestar atenção, pode transferir pra sua vida – tem uma lição de vida, uma forma de te ensinar a vida. Tem ensinamento de educação, de generosidade como na Saudação... Dita a vida, é tirada da Bíblia – os versos sempre têm que ter compatibilidade com o que está na Bíblia.

⁷ Tabela anotada em 08.09.1981 por Manoel Vieira Brandão, pai de Nucias; Primeira tabela anotada por José Nucias Vieira Brandão, em 25.03.1981.

Fotos: Ivany Neiva. Novo Gama / GO, 2006. Em: NEIVA, Ivany Câmara. De cor e salteado: transmissão, permanência e mudança na folia. In: MELLO, Thereza Negrão de; SILVEIRA, Alex da. (orgs.). **Entorno que Transborda - Patrimônio Imaterial da RIDE**. Brasília, 2006.

Nucias enfatiza que a tabela precisa seguir um padrão: “Você pode alterar uns versos, pode modificar uns versos, mas sempre usando aquele conteúdo principal.”

Baltazar fala sobre as tabelas escritas e a memória não transcrita, e sobre o improvisado:

Cada tabela tem seu padrão. Na Saudação do Morador você tem que contar um pouco do nascimento de Cristo, pedir esmola, agradecer e saudar os moradores...

Mas pode acontecer de fazer um verso na hora – meu tio Manelim gosta de inventar lá na hora... Isso dá mais trabalho para o contra-guia, porque se ele não tiver muita imaginação, ele não consegue responder e vai ter que repetir os versos toda hora...

O guia tem que ter sempre aquele padrão de tabela. Não precisa ter as tabelas decoradas, não precisa ter tabela exata. Igual meu tio diz que não tem tabela, mas ele puxa uma tabela, ele sabe fazer a tabela. Isso tá na cabeça dele, ele já sabe a ordem, então ele inventa os versos de acordo com aquela ordem...

A maioria dos grupos tem tabela. Mesmo que não tenha escrita em algum local, tem na cabeça do guia. Já tem aquela tabela escrita na cabeça, está guardada, está memorizada.

O meu pai preferiu ao invés de guardar só na cabeça, escrever no caderno. Escreveu, deixou escrita para lembrar para os outros e pra ele mesmo... Às vezes esquece um verso, precisa relembra, passa algum tempo sem girar folia...

Depois que a gente veio morar na cidade, passou algum tempo sem girar folia e então às vezes meu pai pegava o caderno e ia cantar mais os meus tios e relembra, às vezes esquecia um verso... Igual no caso da Ladainha, ele cantou muito tempo usando o caderno...

Meu pai aprendeu os versos por tabela, meus tios aprenderam a responder os versos por tabela. Mas tem muita gente que gira folia, mesmo com a gente, e não responde por tabela, e inventa lá na hora – se der certo deu, e se não der certo não tem problema. Às vezes perde um pouco a rima, mas se não perde o sentido, tá valendo.

São muitos esses grupos que não têm tabela, que sabem de memória e também no improvisado. É até bom conviver com eles, porque você encontra pessoas que tiram versos que você fica abismado de tão lindos, tão bem feitos, e fica mais impressionado ainda mais de saber que aquela pessoa não tem tabela escrita...

Tem o improvisado, de propósito e por necessidade. Às vezes o guia começa a puxar a tabela e o contra-guia não sabe aparar todos os versos (aparar é responder os versos). O contra-guia às vezes tem que ser meio repentista.

Então, na verdade o verso não precisa ser tabelado. Você pode fazer uma resposta improvisada, desde que seja dentro do assunto. Se você está falando sobre o nascimento de Cristo, você pode mudar algumas palavras da resposta, mas tem que ter sempre a rima do verso e seguir o assunto.

Depois da missa de domingo na Capela de Nossa Senhora d’Abadia, no Mesquita, fomos conversar com César e João.

César:

Aqui no Mesquita ninguém nunca fez isso não, de escrever os versos da folia. Então tá bom de copiar os versos e passar pros outros... Uma ótima idéia... Eu acredito que tudo quanto é bom e sagrado a gente tem que viver aquilo e procurar qual é a maneira melhor de executar... porque senão não tá fazendo a vontade do Pai...

Aqui tem variação, variaçõzinha de uns pros outros na folia...

Tem um [folião] aí, o Pedro Garcez, Pedrinho, que já na chegada do cruzeiro ele já faz não completamente muito igual ao que os outros faz. Os outros às vezes aumentam mais as palavras – ele tem um sistema de resumir. Pra quem presta muita atenção, dá pra sentir que está certo; só que tem muita gente contra, por conta dele não estar espichando o canto...

Tem quem canta mais espichado, mas não regula muito não. Às vezes repete um verso até quatro vezes. É onde aquele que resume sai mais privilegiado, porque não prorroga sem necessidade.

Inclusive na Bíblia, em Mateus, acho que no capítulo 6, um versículo diz para quando for fazer oração não fazer igual aos hipócritas – não aumentar as palavras⁸. Então, deve valer também na folia...

Se eu fosse ensinar, ensinava mais resumido.

João complementa:

Não tem escrito, e se tem diferença é diferencinha dos versos, mas é de guia pra guia. Não muda muito não. A divindade é uma só. O guia pode improvisar, pode resumir... O que faz o cantório com menos palavras, ele mostra mais bonito, porque não exagera...

Como chega uma folia numa casa: o cantório é de acordo com o que encontra na casa. Tem casa que tem imagem de Nossa Senhora de Aparecida, de Nossa Senhora Abadia, crucifixo de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Divino Espírito Santo... Se você for saudar as imagens de um por um, leva mais de duas horas. Então, você tem que resumir a saudação: saúda Nossa Senhora, que é a mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, saúda os dois, e pros outros faz uma saudação resumida. Tem que saber a situação.

Tem guia que chega na casa de um pobrezinho e faz uma cantoria singela. Mas na casa de um barão, de um fazendeirão, aí vai saudar todo mundo e todos os santos... Perde o ponto da meada... No Cruzeiro, é a vida, o sofrimento de Jesus. Agora quando é a saudação do altar, aí vai saudar a santa moradeira, que está no altar da casa, e a visitante, que está de fora, entrando. Então ele já vem com o verso conjugado na cabeça...

⁸ César se referia a esta passagem do Evangelho: Mateus 6,2 – “Nas vossas orações não useis de vãs repetições, como os gentios, porque imaginam que é pelo palavreado excessivo que serão ouvidos. Não sejais como eles, porque o vosso Pai sabe do que tendes necessidade antes de lho pedirdes. (...)”

O regulamento é ficar dentro da fé, e pra isso tem que ter o conhecimento da bíblia sagrada, do padecimento de Jesus... Tem que ter o conhecimento de todos esses parágrafos, porque se não tiver, o guia não consegue chegar até o final.

O importante é não sair nem um segundo da divindade, do princípio até o fim. Pode até mudar, mas sem sair da devoção.

Baltazar Vieira Brandão concorda que “o eixo é a devoção” e comenta que, no contato com outros grupos de folias, observa as diferenças entre versos cantados por uns e outros foliões, quanto aos termos utilizados, à linguagem, à sequência à composição:

Isso é a toda hora, que a gente vê. Tanto quando giramos folia em outros lugares, como por exemplo durante o Encontro de Folias da Granja do Torto. Não é que uma seja errada e outra certa – apenas varia.⁹

Essa observação se entrelaça com as discussões sobre oralidade, cultura e literatura oral, presentes em pesquisas de Câmara Cascudo¹⁰, Luyten¹¹, Bráulio Tavares. Bráulio Tavares lembra, ao tratar da cultura oral:

No mundo da literatura oral, não existe “a” versão oficial. Não existe original: tudo é cópia. Como tudo é feito na base da memória, cada versão é diferente da anterior. É raro que se encontrem duas versões exatamente iguais; mas não importa. Cada uma é tão legítima quanto as outras.¹²

Mesclando a memória do cantado e ouvido, e a consulta aos registros escritos nos cadernos de *tabelas*, José Nucas e Baltazar vão se lembrando dos versos da Folia de Reis. Consultam os cadernos, consolidam:

Nucas:

Nesse caderno meu tem 14 tabelas. São 280 versos - 12 tabelas mais duas, que dá esse total de 14: pedido de folia; saudação de folia; bendito; desobriga; repartição; infante; saudação de lapinha; nascimento de Cristo; saudação de sepultura; entrega de folia; despedida; levantamento de mastro; e mais a 2ª saudação de lapinha e a tabela de assombração.

César, no Mesquita, vai lembrando:

Tem a saudação do morador, saudação do cruzeiro, saudação dos santos, saudação do altar, que é mais complicado...

⁹ O Encontro de Folia de Reis do Distrito Federal acontece no Parque de Exposições da Granja do Torto de Brasília desde 2000, no mês de fevereiro.

¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

¹¹ LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

¹² TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos – poesia e romanceiro popular no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005. Parte III, 3 - A cultura oral, pg. 106.

Pelo que eu entendo, dos anos que a gente acompanha, medita e presta atenção, sinto que tem o folião que é o alferes, que traz o retrato, a bandeira, e tem o guia, que é responsável pela liturgia da folia, pela cantoria toda, colocar as pessoas de modo mais ideal, fiscalizar tudo...

Agora quando vai tirar a folia escuteira, que é a folia que não tem cantorio, aí é diferente. É mais pouca gente, o certo dela mesmo é o alferes (que conduz o retrato), o caixeiro (que avisa quando o Divino evém) e o procurador (aquele que recebe, faz a coleta).

João complementa:

Eu e César, que somos foliões antigos, tem mais conhecimento da palavra de Deus, pára pra prestar atenção, a gente sabe... A maior parte dos versos vem das palavras da escritura sagrada.... E tem a chegada, tem a despedida... Aí despede de tudo – do barraqueiro, que é o dono da casa, e agradece por tudo... O barraqueiro é o dono da casa, que deu o agasalho da noite pro dia – deu o pouso para a imagem, e o agasalho para os foliões. Os foliões se consideram os apóstolos do Senhor.

José Nucas, folheando as *tabelas*, reafirma a importância de serem registradas por escrito:

Sem ter tabela escrita também vai ter aprendizado, mas sem ser escrito é bem mais fácil de se perder. Porque se alguém esquece, já era. Essas tabelas, por exemplo, meu avô passou pro meu pai... não sei se meu avô tinha caderno.. não sei nem se ele sabia ler...

Mas meu pai escreveu, passou pra mim, eu também escrevi e posso passar pros meus filhos e pra quem precisar...

É uma história que eu nem sei onde ela começou... Mas sei que se ninguém tivesse escrito essas tabelas, ela talvez não perdia por completo, mas muitas partes delas teriam se perdido. Muitas pessoas chegam em mim e diz que esqueceu as tabelas...

Mesmo assim na família, qualquer tradição familiar ou ela é muito pequena, ou então vai se perder uma parte – ninguém consegue, com o longo dos anos, manter na cabeça isso tudo sem se perder algumas palavras, alguns versos...

Evandro Braga, chefe de folia, fala sobre o aprendizado dos versos:

Vai aprendendo é na idéia, é com os mais velhos...

Vai vendo cantar, vai diquirindo... Os mais velhos vão dando escola, vão formando...

Mas, nesse aspecto, considera a possibilidade de inovar o aprendizado:

Fico pensando que era bom gravar, gravar uma fita com o cantorio...

Aí ficava mais fácil ensinar pros mais novos... Lá na fita já fica tudo diquirido...

O dia-a-dia com os foliões mostra limites tênues entre a oralidade e a escrita, como já nos dizia Câmara Cascudo no seu *Literatura Oral no Brasil*. Cascudo enfatiza a interdependência entre a literatura escrita e a oral, e lembra que a persistência pela oralidade pode se dar, inclusive, pela fixação tipográfica. Ao longo de suas pesquisas recolhe, compara, classifica “elementos vivos da literatura oral”, na qual reconhece imagens sonoras e visuais que *persistem, mesclam-se e se transformam pela oralidade*.

No caso das *tabelas* – das quais Cascudo não trata e possivelmente desconhecia – elas só alcançam status de publicações impressas quando recolhidas e transcritas, como aconteceu no já citado livro *Tocadores*, ou em encartes de cd’s como o *Folia de Reis – Irmãos Vieira*, o *Sertão Pontado* de Roberto Corrêa e *Folia de Reis – Tradição e Fé*, coordenado por Sebastião Rios.

As *tabelas*, quando registradas por escrito pelos capitães-de-folia, são copiadas e manuscritas, geralmente em cadernos que passam de mão em mão. Registram-se os versos *como são cantados, como se fala*. De uma geração para outra, ou mesmo em momentos diferentes da preparação de um caderno, as tabelas se modificam, alteram-se palavras, “corrigem-se” grafias, suprimem-se ou se substituem versos. A oralidade, como dizia Cascudo, dita a persistência, a mesclagem e a transformação dos escritos.

Baltazar relembra as histórias da família e das folias, e fala da transmissão, da permanência, da mudança:

Meu avô já cantava, e o pai do meu avô cantava. A tabela veio do livro do Oriente (agora em Minas eu escutei de novo e escutava quando era criança). As tabelas vieram do Livro do Oriente, só que ninguém nunca viu o tal Livro do Oriente, não sabe se existiu... Muita gente tem crença, e eu também acredito, que elas vieram ainda dos três Reis Magos, só que mudou muito – o tempo vai mudando e tiveram adaptações...

Eu acredito que quando os três Reis Magos foram visitar Jesus eles fizeram a saudação, cantaram os versos em louvor do Menino Jesus, levaram os instrumentos que muita gente diz que era viola, pandeiro e rapa-rapa. Meu pai mesmo não afirma que tenha sido isso ou o que é, porque não tem registro, mas acredito que essas tabelas tenham vindo desde aquele tempo mesmo, sofrendo as transformações do tempo, como até hoje sofre...

Meu bisavô, meu avô, todos cantaram mais ou menos nessa mesma ordem que a gente conhece. Meu bisavô pode ter cantado os versos um pouco diferentes, com outras palavras, até porque na época em que ele viveu se falava assim, o linguajar era diferente...

E aí foi passando passando o tempo e o padrão que a gente usa em boa parte é ainda aquele que meu pai escreveu naquela época – algumas palavras, alguns versos mudaram. A gente usa aquele padrão, com palavras às vezes um pouco adaptadas.

A partir das conversas sobre essas “palavras às vezes um pouco diferentes”, Baltazar e Nucas falam da linguagem usada nas folias, e do desafio de registrá-las por escrito:

Nucas:

Essa parte de aprender e de ter leitura... Minha mãe era analfabeta, meu pai sabia ler e escrever, tanto que escreveu as tabelas. A gente aprendeu pouco, mas essa parte foi suficiente pra aprender as tabelas... Hoje eu vejo que valeu mais a pena ainda, porque posso passar pros outros.

No caderno está lá assim do jeito da linguagem caipira, o jeito falado mesmo. O livro do Roberto, o Tocadores, tem isso também de bom, ele respeitou isso, escreveu do jeito que era cantado. A correção foi pelo jeito de cantar. Quando eu fizer um livro, com meu filho Baltazar, vai ser assim.

E pode reparar que é só caipira que é capitão de folia... Analfabeto eu já vi, mas pessoa de formatura nunca vi ser capitão... A linguagem do analfabeto ou da pessoa alfabetizada mas que é caipira, é diferente de um formado que não é caipira. Por isso a tradição tem essa linguagem própria dela, que indiferente de ser certa ou errada, é a linguagem que a pessoa vai sempre entender.

Se faz correção de palavras, as pessoas vão cantar uma coisa e vão ler outra. As pessoas vão entrar em contradição.

Daquele caderno meu, nós já fizemos alguma correção de palavras, no sentido de palavras mais apropriadas... O que tinha de palavra mal escrita... até o nome dos Reis Magos... É Belchior e eu escrevia Melchior, lá está Guaspar em vez de Gaspar... Lá na tabela que o meu pai escreveu, ele escreveu “os altari”, mas era isso mesmo que ele queria escrever - não é um altar só. Então existe correção, mas não vai alterar o sentido.

Baltazar:

Nas tabelas está escrito do jeito que o pessoal fala, na região, com pouca instrução. O pessoal que é ligado a essa tradição é muito simples, não teve condição de estudar, e então a pessoa fala mesmo daquele jeito – aquele normal, o natural dele, que é bom de manter.

Na época do meu pai eles andavam muitos quilômetros pra completar os estudos, até a 4ª série. Pra continuar, só tinha em outras cidades. Então no caderno do meu pai está escrito assim, pelo grau de dificuldade de se estudar lá na região, e também porque ele escreve com pressa...

Meu avô, ele escrevia do jeito que se fala. Meu pai tem também esse costume. Pra escrever, escreve de acordo com o som que canta.

Se você escrever da forma correta, às vezes perde a rima no final. Também conforme o sotaque de quem canta, pode mudar a rima do final do verso. Às vezes a pessoa tem costume de falar a palavra de outra forma.

Quando foi gravar o cd, meu pai fez um resumo das tabelas, para caber no cd. Ele cronometrou, separou as tabelas e colocou mais ou menos um verso de cada ordem – porque você tem que seguir uma ordem, rezar o começo, o meio e o fim. Ensaiou com os foliões, cronometrou de novo, e eles decidiam qual verso podia ser tirado. Aí ficou com essa sequência do cd, mas tudo muito pensado.

E assim, entre diferenças e concordâncias, Nucas e Baltazar, César e João giram pelos pousos dos assuntos de folia - na devoção, no improviso, *no escrito e na idéia*.

As permanências, as mudanças: Nossa Senhora abençoa...

Mesmo em condições adversas e com recursos escassos, todo ano lá se organizam os pousos, lá estão caminhando e cantando os foliões, lá está a folia – do Divino, de Santos Reis, de São Sebastião, de Nossa Senhora d’Abadia.

“O tempo do folião é assim”, diz Evandro Braga, guia da Folia de Nossa Senhora d’Abadia no Mesquita há mais de 30 anos: “Todo ano *nóis folia*, para agradecer e louvar, porque *nóis credita* que o mundo bom é assim – o mundo bom governado pelo Divino”. E protegido por Nossa Senhora d’Abadia.

15 de agosto é dia de festas pelo Brasil afora. Na tradição católica, nesse dia se comemora a Assunção de Nossa Senhora, e se festejam Nossa Senhora da Assunção, dos Prazeres, da Ajuda, do Amparo, do Perpétuo Socorro, da Lapa, Desatadora dos Nós, da Glória... Em Goiás e Minas, é dia de Nossa Senhora d’Abadia, padroeira de muitas cidades – inclusive do Povoado do Mesquita.

Durante uma semana, tudo no Mesquita gira em torno da festa. João nos conta:

Na época do mês de agosto, do dia 6 ao dia 15, os fazendeiros diz: é férias! ... porque não adianta puxar pelo pessoal...

No Mesquita nós somos liberto¹³, no tempo de festa não trabalha não. Esse mês de agosto aqui é liberado...

É a fé viva que nós temos na Padroeira, e ela derrama benção sobre benção, e não falta nada na dispensa, o que você faz de coração, a Santa multiplica...

Meses mais tarde, em janeiro, é tempo de Santos Reis e de fazer doce de marmelo. João e César, foliões e marmelicultores, falam das mudanças que vêm se processando não só nessa festa, mas em outras atividades locais. Falam nas dificuldades e também das alternativas técnicas encontradas para a produção da tradicional *marmelada de Santa Luzia*, falam das dificuldades e das alternativas comunicativas para mobilizar os moradores para as folias. Falam das novidades...

¹³ Há moradores que evitam o assunto das origens negras do Povoado, e outros já iniciam a conversa lembrando: “você sabe que aqui foi terra de quilombo, não sabe?”.

João:

É, as novidades... Tem muita divergência de sentido. Uns acolhe, outros já não gostam. Nesse caso da festa mesmo: os mais idosos, uns nem lembram que já gostaram de dança e de brincadeira, e pros novatos, é um jeito de eles se achegarem...

Os antigos acham que se fizer pouso de folia e depois o forró, é como fazer com as mão e desmanchar com os pé... Mas não é...

A folia traz primeiro o cantório do cruzeiro, a entrada, o bendito, a ladainha... e tem a dança da raposa (uns gosta, outros não...), o catira... E tem novato que não gosta nem do catira, não tem paciência de esperar o forró... Então como faz?

Longe dali, tínhamos conversado com Evandro Braga, que contou sua trajetória de *guia de folia* – “ser guia é ser chefe, é comandar a folia; é quem dirige, quem marca as datas, quem organiza tudo”. Evandro é reconhecido na região por ser guia da folia de Nossa Senhora d’Abadia há quarenta e cinco anos no Mesquita, e da folia do Divino há quase vinte, e da de São Sebastião há quase dez. É “dos antigos, que não gosta dessas novidades”:

Evandro:

O que é de Deus tem que ser respeitado. Não dá pra corrigir tudo que está fora do que deve ser, mas tem que ver que não é qualquer um que pode tomar conta de folia que é santa, que é sagrada. Com cachaçada não dá, perde o prumo...Folia minha não tem botequeira.

Antigamente era mais fácil, mas o desatino é quando perde o sentido da religião.

João e César ponderam que tem novidade que “não ofende”, que vem mesmo é “para atualizar o costume” e animar as pessoas, chamá-las a participar. César, que foi assistir a festa de Reis deste ano na região de Romaria, em Minas, voltou entusiasmado com o que viu, e gostaria de trazer algumas das *novidades* para as festas do Mesquita:

César:

Lá em Romaria, vi acontecer: lá perto do fundo da Igreja tem um barracão grande e lá eles fazem uma entrega de doce de toda qualidade, tudo doado. Isso no sábado. Domingo, tem queima de fogos e tem o almoço – tudo de graça, tudo doado. E já vão tratando do depois – e já pedem para a festa do ano seguinte, já vai preparando pra o outro ano...

Fiquei lá olhando. No cantório, eles começam a vida até chegar a Jesus, e narram tudo completo. E não diminui os versos não.

Nessa festa de Reis de Romaria vi grupos que tem mulher puxando folia. Pra mim, isso tá muito certo. Tem catira que tem mulher... Agora tem mulheres como guias... Pelo que eu vi lá... confirma, mulher tem direitos iguais... Eu assinava embaixo, de colocar mulher na folia... Até como alferes...

Achei importante, coisas diferentes que eu nunca tinha visto antes... Foi outra coisa, é novidade que pode trazer pra cá... Tem que trazer a novidade, se não, acaba a tradição...

O assunto das novidades e dos saberes nos lembra pesquisas de Câmara Cascudo, livros antigos de Gelmires Reis, textos de Alfredo e Ecléa Bosi, Carlos Rodrigues Brandão, Walter Benjamin, de pesquisadores do Núcleo de Pesquisa Folkcomunicação, poetas e escritores, historiadores e antropólogos, artistas, fotógrafos e cineastas, foliões, doceiros, cantadores...

Lembramos das questões levantadas por Nestor Canclini em seu *Culturas Híbridas*, que trata de “estratégias para entrar e sair da modernidade” e, quando se dedica à análise de “culturas populares prósperas”, propõe “novas perspectivas de análise do tradicional-popular levando em conta suas interações com a cultura de elite e com as indústrias culturais”. Trata do processo que chama de *reconversão cultural*, que ocorre quando as culturas interagem e se dá a transferência simbólica entre os vários modos culturais: “[a] expansão modernizadora não conseguiu apagar o folclore. Muitos estudos revelam que nas últimas décadas as culturas tradicionais *se desenvolveram transformando-se*”¹⁴.

Carlos Brandão, ao tratar de cultura popular e do controverso e mutante conceito de *folclore*, enfatiza suas características de “uma tradição que sempre se renova”, “uma novidade que sempre se preserva”, “de boca em boca, de mão em mão” – persistente, em movimento, vivo, existente, em processo¹⁵. Lembra das palavras de um búlgaro que conhecera em Pirenópolis, sobre as festas que então assistia: “[as pessoas] fazem isso pra não esquecer quem são”¹⁶...

As pesquisas na região de Luziânia nos levaram a observar permanências e transformações, e nos detivemos na observação de como são vistas as novidades e as atualizações das expressões culturais que nos eram apresentadas.

O intercâmbio entre foliões de diferentes locais por ocasião da festa, que é prática comum na região, vem assumindo também um papel importante para a viabilização das celebrações. Observa-se algo como um “circuito de folias”, em que as datas são combinadas de modo a descoincidirem, assim permitindo que os foliões

¹⁴ CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2000. pp. 214, 215.

¹⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982. **Folk-lore, folklore, folclore: existe?** Especialmente pp.41-48.

¹⁶ Idem, pg. 10.



possam circular por várias delas. É costumeiro se encontrarem *puxadores*, *violeiros* e *caixeiros*, e mesmo *guias* e *contra-guias* que são chamados a participar de folias em locais onde não residem. Esse procedimento nos foi relatado em vários momentos e, no Mesquita, João e César comentaram:

César:

São foliões de fora daqui do Mesquita, que vêm girar folia aqui. Eles vêm, mas não tem assim uma firmeza, às vezes não pode vir, desfalca...

João:

O Evandro, que comanda a folia, nos chama pra ajudar... Mesmo nessa folia agora de Santos Reis, ele nos chamou. Mas é assim, vem cantador de fora – deve ser dois daqui, dois de fora. Às vezes é só na hora mesmo da folia é que os quatro se encontra... Mas eles já estão acostumados a girar – vamos lá ajudar eles, eles ajudam nós, pra completar o quadro...

Mas isso é preciso, pra seguir a folia. Hoje a juventude não tá querendo mais compromisso... Pra reunir pra um catira, pra folia, fica difícil... Os mais velhos, os mestres, já estão faltando. Nisso é que está a dificuldade, porque a juventude agora não quer nada com a tradição, com o folclore, não querem acompanhar...

Nucias reconhece que essa dificuldade existe, mas explica que, no grupo Irmãos Vieira, são seus filhos e sobrinhos que constituem a garantia de perpetuar a tradição:

Começando desde o início lá em Minas, já estamos na quarta geração de foliões, e chegando na quinta, porque tem a minha netinha que nasceu, filha aqui do meu filho Baltazar. Essa é uma força muito grande, da família, dos laços de irmão.

Lembra que quando se introduzem mudanças nas *tabelas*, uma das razões é buscar maior comunicação com os mais novos: “Uma mudança foi no catira, pra interessar os mais jovens... Não é bem mudança, é aprendizado a mais...”

Entre os Irmãos Vieira, observamos que há o cuidado de se manterem os laços entre as gerações, separadas pelo tempo e pela distância. Em maio de 2005, o capitão José Nucias e seu grupo foram à terra natal, Bonfinópolis, rezar uma Ladainha e reencontrar a família e antigos amigos de lá. Baltazar, então com dezessete anos, foi em busca da palavra dos mestres, dos mais velhos. Levando gravador e máquina fotográfica, registrou imagens dos lugares, das pessoas, da memória da folia¹⁷.

As conversas eram guiadas por Baltazar e Nucias, tendo como eixo a continuidade da folia. Nucias apresentava os outros Vieira, também capitães:

O Geraldo Vieira da Silva (que assina Geraldo Ângelo da Silva) foliou com meu avô e é nossa memória viva. Nos seus oitenta e seis anos, ainda participa

¹⁷ As fotografias então produzidas foram apresentadas no Núcleo de Fotografia Captura, da Universidade Católica de Brasília, sob coordenação do professor André Luís Carvalho.

das atividades de Folia e de Catira, e tem o privilégio de foliar com o filho, com o neto e com o bisneto...

Geraldo:

Espero que a folia segue do mesmo jeito... Mas do mesmo jeito não segue não...

Daquele tempo antigo, mudou muita coisa. Naquele tempo só tinha viola, caixa e pandeiro.. Hoje tem sanfona, tem cavaquinho, tem violão, tem rebeca... A gente acha que melhorou bastante...

Mas nós não podia beber – era melhor, eu achava melhor não beber... Mudou muita coisa. Muita coisa que tem hoje, não tinha antes. A folia hoje tá mais adiantada do que naquele tempo. Em todos os sentidos, porque tem mais quem sabe cantar, tem quem segue...

Perdeu nuns ponto, mas teve evolução. Nuns ponto, tá mais adiantada. Melhorou muito.

Não é desfazendo do tempo velho, mas com esse conjunto que entrou, ficou mais completo, mais divertido, os folião andam com mais satisfação...

Eu gosto da tradição e faço tudo pra estar junto, porque não pode acabar, então quando acontece uma conversa assim a gente fica muito prazerado...

A gente deseja que vocês continue com seu trabalho, que é muito importante pra vocês e pra nós que já está velho... Pra mim vocês são tudo menino...

Nucias responde, assegurando que a tradição vai continuar:

Vocês são responsáveis de nós hoje ser folião. Vocês é folião; a gente não refere vocês como ex-folião. Isso não existe: quem foi, sempre será.

A gente agradece a quem transmitiu essa tradição pra nós.

E o capitão Geraldo dá a benção:

A gente não sabe nada não, e fica agradecido de conversar... E agradecido dessas melhoria, dessa continuação... Que Deus abençoa...

Bênção, milagre – é nesse circuito de fé que João, no Mesquita, busca aval para as mudanças na folia:

Mas deixa ver que essa festa de Nossa Senhora d'Abadia tem mais de 5 mil pessoas, e não tem um arranhão, um canivete, uma briga – a comunidade, quem vem de fora, vê que tem comida, tem festa, tem dança, quem é que vai querer confusão?

E por quê? É milagre da Santa... e de nós devotos, que quando chega a festa, é tempo só mesmo de festa..

Nossa Senhora abençoa...



Referências

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Comissão Gaúcha de Folclore, 2004.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: **Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas, vol.I. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRANDÃO, José Núcias Vieira. **Tabelas de Folia de Reis**. Novo Gama / GO, 1981 e 2002. Cadernos, manuscritos.

BREGUEZ, Sebastião (org.). **Folkcomunicação: resistência cultural na sociedade globalizada**. Belo Horizonte: Intercom, 2004.

CANCLINI, Nestor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. 2ª edição.

LUYTEN, Joseph M. **O que é literatura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARCHI, Lia, SAENGER, Juliana e CORRÊA, Roberto (orgs.). **Os Tocadores**. Curitiba: Olaria, 2002.

NEIVA, Ivany Câmara. De cor e saiteado: transmissão, permanência e mudança na folia. In: MELLO, Thereza Negrão de; SILVEIRA, Alex da. (orgs.). **Entorno que Transborda - Patrimônio Imaterial da RIDE**. Brasília, 2006.

_____. Folia de Reis; Catira; Marmelada de Santa Luzia; Folia de São Sebastião; Folia de Nossa Senhora d'Abadia; Folia do Divino. In: MELLO, Thereza Negrão de; SILVEIRA, Alex da. (orgs.). **Patrimônio Imaterial da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno - RIDE**. (Catálogo). Brasília, 2005.

REIS, Gelmires e MEIRELLES, Evangelino. **Almanach de Santa Luzia para 1920**. Santa Luzia – Goyaz: Typographia d'O Planalto, 1920.

SCHMIDT, Cristina. Folkcomunicação: uma metodologia participante e transdisciplinar. Revista Internacional de Folkcomunicação. 2004.
<http://www2.metodista.br/unesco/revista%20folkcom/Revista3.pdf>. Acesso em 20.11.2006.

TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos – poesia e romanceiro popular no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.

Cd e encarte **Folia de Reis – Tradição e Fé**. Brasília, 2006. Coordenação de Sebastião Rios.

Cd e encarte **Folia de Reis Irmãos Vieira – tradições musicais do Noroeste de Minas**. Brasília: ViolaCorrea, 2003.

Cd e encarte **Sertão Ponteadado - memórias musicais do Entorno do DF**. Roberto Corrêa e Juliana Saenger. Brasília: ViolaCorrea, 1998.